

## **O TURISMO COMO ELEMENTO PARA O RESGATE DA CIDADANIA.**

**Taciane Soares Corrêa**

**Valdir Morigi e Ilza Maria Girardi**

**FEEVALE**

**RESUMO:** O artigo faz uma analogia entre os conceitos de cidadania e a atividade do turismo, ressaltando a importância do exercício da cidadania. A análise do contexto global, o respeito à diversidade e a importância das relações interpessoais são considerados como ponto de partida para uma ação social e humanística que traga qualidade de vida para os cidadãos envolvidos no processo.

**PALAVRAS CHAVES:** Turismo, Cidadania, Cidadão, Comunicação, Globalização, Qualidade de vida

Quando falamos em turismo pensamos em qualidade de vida, beleza natural, riqueza cultural, folclórica, histórica, arquitetônica e gastronômica. Para mantermos essas qualidades inegáveis do turismo precisamos garantir que essa atividade preserve a qualidade de vida do cidadão, seja ele turista ou membro da comunidade, refletindo em indivíduos plenamente satisfeitos. Um trabalho que contemple a reconstrução do ser cidadão em sociedade é a única maneira provável de alcançarmos as metas propostas para o turismo brasileiro, que é de triplicar em quatro anos o número de turistas que visitam o Brasil e sairmos do 36º lugar que ocupamos na tabela da Organização Mundial do Turismo<sup>1</sup>.

Já temos um potencial turístico com belezas naturais e diversidade cultural, conseqüentemente o número de deslocamento vem aumentando. No ano de 2000 o país teve uma movimentação interna totalizando 40 milhões de turistas, recebeu 5,3 milhões de estrangeiros e teve uma receita de 6 bilhões de dólares<sup>2</sup>. Sendo que a maioria dos estrangeiros afirma querer voltar e elogia a simpatia e cordialidade do povo brasileiro, assim como sua riqueza natural e cultural.<sup>3</sup> Neste contexto, torna-se viável proporcionar subsídios para que ocorra uma mudança na percepção do papel social do ser humano e na

---

<sup>1</sup> Dados da Embratur divulgados pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, no dia 01 de setembro de 2003.

<sup>2</sup> Dados extraídos de Jordam (2002)

<sup>3</sup> Dados da Embratur divulgados pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, no dia 06 de setembro de 2003.

construção de uma melhor sociedade, valorizando o homem no seu ambiente e aumentando sua auto-estima.

Apesar da relevância das considerações apontadas, são poucas as comunidades que se organizam. O número fica ainda mais reduzido se pensarmos em desenvolvimento sustentável. A atividade ainda está carente, é preciso uma expansão do processo de conscientização turística-cidadã.

Analisando a relação quase que simbiótica entre turismo e cidadania, e os dados apresentados, este artigo tem como intuito apresentar um paralelo entre cidadania e atividade turística, sem esquecer dos entraves que permeiam este contexto. Este deve contribuir para as ações a serem desenvolvidas no turismo atual, que deixa de lado apenas sua função comercial e passa a ser compreendido como um agente de transformação social. Como pensar em turismo como um elemento para o resgate da cidadania, se estamos passando por um momento de globalização e avanço espantoso da atividade turística?

Para responder esta questão começaremos por uma análise da globalização sobre a atividade turística, em seguida pelas causas negativas da chegada catastrófica do turismo em localidades em que este não foi planejado adequadamente. Atualmente é impossível pensar em turismo e globalização apenas como dois fatores construtivos para a sociedade, se críticos bem os fundamentam como influenciadores negativos para a construção de uma sociedade harmoniosa. Mesmo que se reconheçam os pontos positivos da globalização, temos que considerar que no próprio significado da palavra globalização<sup>4</sup> está envolvida a idéia de planetarização, que vem do grego *plakso*, que significa nivelamento ou aplastamento das diferenças. Cultura, tradição, história e de certa forma a essência da cidadania passariam a ser ignoradas pela globalização.

Quanto mais a globalização entra em ação e expande-se, tanto mais é necessário reforçar a localização, a multiplicidade de ações locais. O primeiro mercado turístico a ser construído é sempre com a comunidade local. É necessário o indivíduo valorizar o seu lugar, sua história, sua cultura, sua própria gente, para depois poder repassá-la e transformá-la em uma atividade produtiva. Neste instante, as ações passam a ser locais com dimensões globais.

---

<sup>4</sup> Sodré (2003:23)

Ianni também confirma os dois lados da globalização, os quais também podem ser vistos na atividade turística.

“O mesmo processo de globalização, com que se desenvolve a interdependência, a integração e a dinamização das sociedades nacionais, produz desigualdade, tensões e antagonismos. O mesmo processo de globalização, que debilita o Estado-Nação, ou redefine as condições de sua soberania, provoca o desenvolvimento de diversidades, desigualdades e contradições em escala nacional e mundial” (1996:50)

Morin<sup>5</sup> também analisa sob este prisma afirmando que existe, sim, uma ameaça e uma chance de se harmonizar a globalização e a diversidade cultural. “*A mundialização é indubitavelmente uma ameaça para a riqueza e a variedade das culturas do mundo. Mas é também uma chance. Existe um equilíbrio a ser encontrado, ainda que dificilmente, em relação às diferenças entre os povos e o que os reúne*”.

Não podemos negar que a globalização está abrindo fronteiras e facilitando a comunicação entre os povos, o avanço das tecnologias foi significativo para o desenvolvimento maciço do turismo, que vem sendo representado por números que aumentam de uma forma espantosa. Segundo dados oficiais da *World Tourism Organizations* e *World Travel & Tourism Council*<sup>6</sup> de 1999, houve uma movimentação mundial de 613 milhões de deslocamento originados pelo turismo, correspondendo a 3,8 trilhões de dólares de renda direta e indireta. Com estes dados, a maioria dos autores afirma que o turismo se refere a uma indústria. De acordo com Margarita Barretto<sup>7</sup> não podemos negar a importância do turismo para a economia, mas suas discussões não podem se encerrar por aí, até porque o turismo tem que começar a ser pensado como um fenômeno socioantropológico.

Jost Krippendorf<sup>8</sup> analisa as questões maléficas que o turismo mal planejado causa nas comunidades visitadas, mas também defende esta posição de que o turismo tem como preocupação central o ser humano e não a economia. “*Neste contexto, basta dizer que o turismo é um fenômeno social que atualmente abrange o mundo inteiro do ponto de vista geográfico, e praticamente todas as camadas e grupos sociais.*”<sup>9</sup> A atividade turística não pode ser considerada como uma atividade das minorias porque ela não é formado apenas pelos turistas, mas é formado principalmente pelo núcleo receptor. Os habitantes da região

---

<sup>5</sup> Morin (2001:464)

<sup>6</sup> Lage (2000:117)

<sup>7</sup> Barretto (2000:17)

<sup>8</sup> Krippendorf (2000:83)

<sup>9</sup> Barretto (2000:18)

são os principais responsáveis pela existência desta atividade. Por isso, Barretto afirma que o turismo é uma atividade praticamente para todas as camadas sociais, *“abrange todas as camadas e grupos sociais não porque todos possam, algum dia ser turistas – uma possível interpretação inicial dessa afirmação -, mas porque tal fenômeno atinge, de alguma maneira, também aqueles que não praticam.”*<sup>10</sup> Sendo, o turismo um fenômeno analisado sob uma perspectiva social e humanística é que se apresenta esta atividade como inerente ao resgate da cidadania. Dessa maneira não podemos deixar de considerar as causas de um turismo não planejado em uma população.

Krippendorf<sup>11</sup> expõe alguns fatores sociais que afetam negativamente a comunidade com a chegada não planejada dos turistas: os danos sofridos pelo meio ambiente (natural, histórico e cultural); o desejo que pode aflorar na comunidade de adotar os hábitos de consumo e o comportamento dos turistas, assim como, o aumento da mendicância, da prostituição e da violência; temos também a influência do turismo sobre os hábitos, costumes, tradições e normas locais, ou ainda atentados cometidos à língua do país, à comercialização do folclore, resultando em uma prostituição cultural. Para que este desenvolvimento esmagador não faça com que o habitante da localidade se sinta excluído ou até mesmo insatisfeito com a presença do turista é necessário que se pense o turismo de forma planejada e estruturada, harmonizado a visão humanística, e se distanciando da visão predatória em virtude de um desenvolvimento turístico sustentável.

É necessário que esta atividade *“se transforme no instrumento maior para o desenvolvimento sustentado local, garantindo um aumento de qualidade de vida dos habitantes de cada região, refletida na oferta de novos empregos e na melhoria da renda das populações locais.”*<sup>12</sup> Ressalta-se aqui, o aumento da auto-estima da população frente sua história, cultura, folclore, meio ambiente e seu pertencimento a um Estado-nação<sup>13</sup>.

Não basta apenas uma conscientização cidadã para os membros da sociedade se o turista não estiver sensibilizado da sua atitude frente ao exercício do turismo. A necessidade desta conscientização faz-se mais indispensável depois de analisarmos o relato de Krippendorf<sup>14</sup>,

---

<sup>10</sup> Idem

<sup>11</sup> Krippendorf (2000:76)

<sup>12</sup> Lage (2000:15)

<sup>13</sup> *“Por pertença a um Estado-nação entende-se o estabelecimento de uma personalidade em um território geográfico”* (Vieira, 2001:34)

<sup>14</sup> Krippendorf (2000:63)

de que o turista não percebe que sua chegada pode alterar o equilíbrio emocional, religioso, cultural, econômico e ecológico das regiões visitadas e suas populações. Este trabalho de conscientização faz com que o turismo passe a atuar também como agente educador, mostrando a importância da superação dos valores de “ser” sobre os valores do “ter”. Cidadania, comunidade, solidariedade, tolerância, busca de um sentido tem que vir antes dos conceitos de consumo, fortuna, propriedade, posse, egoísmo e poder.

A atividade turística pode se transformar em um campo de aprendizado e de experiências em busca do enriquecimento interior, do exercício da liberdade, da compreensão mútua e da solidariedade, não só em busca de ações de recuperação da cidadania com a comunidade local, mas também com o turista<sup>15</sup>. Lage afirma que esta realidade será possível visto que o turista/consumista já está saindo de cena e entrando o “*turista que busca realização interior e dá ênfase ao meio ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, quer conhecer povos e enriquecer culturalmente.*”<sup>16</sup>

A priorização de um turismo planejado de forma sustentável torna-se cada vez mais inevitável pois, quando começa sem planejamento formal, os habitantes da cidade são envolvidos pela recompensa econômica e não percebem que o aumento de turistas afeta-os negativamente. Quando o turismo é visto apenas como uma atividade econômica a relação entre turistas e comunidade perde o controle e se torna apenas uma relação de compra e venda onde os habitantes passam a ser meros coadjuvantes do processo, quando deveriam ser os protagonistas. O desenvolvimento toma conta da história e os “coadjuvantes” nem sequer são consultados sobre o destino de seu meio ambiente.

É nessa reflexão de um turismo planejado, sustentável e com sua função social suplantando a função econômica que se propõe um resgate dos conceitos de cidadania. Assim, se faz uma analogia entre os estudos sobre cidadania e a atividade turística como uma ação funcional que priorize a participação ativa do cidadão em sociedade.

Como não se tem um conceito unificado de cidadania, o que se propõe é uma análise dos conceitos que permitam que se estabeleça um paralelo com a atuação do turismo na sociedade, de forma que este contribua para o resgate da cidadania atual.

---

<sup>15</sup> Conceito extraído de Krippendorf (2000:23)

<sup>16</sup> Lage (2000:102)

Iniciando a análise pela clássica concepção de Thomas Marshall, o qual divide o conceito em três partes que acabam por desenvolver os direitos da cidadania civil, política e social<sup>17</sup>. O elemento civil é composto de direitos necessários à liberdade individual – liberdade de ir e vir, de pensamento, de fé, etc. O político está basicamente fundamentado no direito de participar ativamente ou passivamente do processo político.

O elemento social, por sua vez, se refere aos direitos que vai “*desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança ao direito de participar, por completo, na herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade.*”<sup>18</sup> Marshall propõe a primeira teoria sociológica de cidadania, quando desenvolve os direitos e obrigações inerentes à condição de cidadão.

Se for considerar a questão de direitos e obrigações propostas por Marshall se faz referência ao direito de participar da herança social em busca de uma ação civilizada nos padrões que predominam na sociedade. É clara, em nossa sociedade, a atuação da atividade turística como uma atividade econômica e social, e esta pode ser usada para incentivar este direito da comunidade em participar ativamente de sua herança social, cultural, histórica e natural. Este envolvimento em políticas turísticas permite decisões conjuntas para o crescimento e benéficas para todos os agentes envolvidos.

Para se pensar em cidadania, Vieira<sup>19</sup> acrescenta a importância de levar em consideração as identidades socioculturais e as diferenças de grupos étnicos diversos que se consideram oprimidos ou excluídos embora tenham os direitos comuns de cidadania. Para preservar o pluralismo cultural, o caminho é que as sociedades multiculturais se encontrem para fortalecer seus laços étnicos, religiosos, sociais e culturais em busca de sua identidade e que aprendam a respeitar as diversidades. “*Hoje, a identidade se baseia na idéia de ser, não igual, mas diferente*”<sup>20</sup>. Este encontro só é permitido através da atividade turística que vem crescendo para permitir o estreitamento entre as diferentes nações.

É relevante acrescentar a verificação de Lage<sup>21</sup> em relação ao ponto de vista de alguns autores que consideram o turismo como uma atividade que ajuda a eliminar diferenças sociais e culturas artificiais, facultando uma mútua sobrevivência das sociedades e uma

---

<sup>17</sup> Conceito extraído de Marshall (1967:62)

<sup>18</sup> Idem (p.64)

<sup>19</sup> Vieira (2001:219)

<sup>20</sup> Idem (p.224)

<sup>21</sup> Lage (2000:125)

compreensão intercultural. *“À medida que pessoas viajam para diferentes partes do mundo, elas podem aprender mais sobre outros povos e tornar-se mais tolerantes com a humanidade”*

Fazendo um paralelo, expõe-se a visão de Vieira sobre a cidadania

“a cidadania, no âmbito desse esforço coletivo, não pode mais ser vista como um conjunto de direitos formais, mas sim como um modo de incorporação de indivíduos e grupos ao contexto social. No intuito de solucionar a relação conflituosa entre as múltiplas tradições de cidadania, baseada em status, participação e identidade.” (2001:48)

O turismo é uma atividade humana intencional que permite que indivíduos diferentes se encontrem, se comuniquem e mantenham elos de interação. Indivíduos que são de línguas, raças, religiões, orientação política e posição econômica completamente distintas possam dividir o mesmo espaço e ter oportunidade de trocar experiência. Krippendorf<sup>22</sup> expõe que o turismo passou a ser o instrumento de compreensão entre os povos. *“graças a ele, em grande parte, que estes seres humanos conseguem estabelecer um diálogo entre si, compreender a mentalidade do outro, que, de longe lhe parece tão estranho, preenchendo dessa forma, o fosso que os separa.”* Esta afirmação gera muitas conclusões antagônicas, de um lado afirma-se que o turismo deveria ganhar o prêmio Nobel da Paz, e de outro, autores comparam o turismo a uma bomba atômica devido sua força destrutiva. Procurando fugir das visões extremistas Wagner<sup>23</sup> afirma que ainda é possível atribuir ao turismo a capacidade de trabalhar em prol da aproximação dos povos. Com certeza será possível, desde que se estabeleça uma política turística equilibrada a favor de um desenvolvimento coerente da localidade. Este desenvolvimento requer uma sociedade mais humana, mais solidária, que respeite a diversidade para que se possa restabelecer a cidadania. *“O respeito à diversidade e ao pluralismo social deve ser parte integrante do discurso da cidadania”*<sup>24</sup>. Conclui-se, então, que o turismo assume um lugar importantíssimo na valorização das múltiplas cidadanias e tende a ser uma força vital de integração entre as diversas comunidades humanas, contribuindo para a formação sócio-cultural do indivíduo. Essa assimilação de conhecimentos diversificados possibilita o desenvolvimento de valores, a difusão de sua consciência individual, facilitando a reflexão e a participação do cidadão em sociedade.

---

<sup>22</sup> Krippendorf (2000:82)

<sup>23</sup> Wagner, apud., Krippendorf (2000:83)

O conceito de Turner, relatado por Vieira<sup>25</sup> considera “*a cidadania como um conjunto de práticas políticas, econômicas, jurídicas e culturais que definem uma pessoa como membro competente da sociedade*”. Nesse sentido, o turismo contribui para inserir o cidadão neste conjunto de práticas, pois quando ele pertence a uma localidade que se desenvolve turisticamente deve se encontrar em atividades políticas para decidir ações econômicas, culturais e ambientais a serem executadas, objetivando seu norteamento para um desenvolvimento sustentável. Valorizando sua comunidade, cultivando sua cultura, história e meio ambiente e conseqüentemente aumentando sua fonte de renda.

Assumindo esta postura o cidadão da própria comunidade passa a orientar e fomentar o espírito de cidadania no turista, de maneira que este também preserve seu ambiente natural, cultural e histórico. Sendo assim, podemos dizer que o turismo se enquadra em um contexto global e se fala em uma consciência nacional, em uma herança comum e se propõe, então, uma cidadania universal. Um trabalho turístico consciente está inclinado para o desenvolvimento do ser humano, voltado para suas virtudes individuais e atitudes sociais, preservando o pluralismo social e cultural e construindo a cidadania em prol das diferenças. A cidadania se forma quando o homem se responsabiliza pelo outro e vai em busca da cidadania planetária, uma busca que começa individual e parte para o todo social. Este exercício é permitido porque há uma interação intersubjetiva de cidadãos conscientes, participativos e solidários.

A valorização do conceito de cidadania propiciou a revalorização das práticas sociais, que contemplam procedimentos racionais, discursivos, participativos e pluralistas e unifica a ação coletiva na esfera comunicativa.

“Somente a percepção de uma identidade nacional, cristalizada em torno de uma história, língua e cultura comuns, somente a consciência de pertencer à mesma nação é que faz com que pessoas distantes, espalhadas em amplos territórios, se sentissem politicamente responsáveis uma pelas outras. Dessa maneira os cidadão passaram a se ver como partes de um mesmo todo.” (HABERMAS, 1995:92)

Para o turismo a compreensão de uma cidadania planetária, global, contribui para a sua concepção social e humanística, pois faz com que o cidadão se sinta responsável por fazer parte de um todo. É impossível se fazer turismo sem uma integração efetiva, observando que a atividade turística é multidisciplinar e que, em sua globalidade, reúne uma série de

---

<sup>24</sup> Vieira (2001:49)



relações e situações de ordem educacional, ambiental, de lazer, apontando para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos.

Uma ação política centrada em valores de solidariedade, autonomia e de reconhecimento das diferenças, vai de encontro à cidadania participativa, a premissa básica para que se possa verificar os benefícios que o turismo traz a uma comunidade: melhoria da qualidade de vida da população, crescimento regional, diversidade econômica, geração de divisas, geração de emprego e renda, conservação do patrimônio histórico, reafirmação da identidade cultural, intercâmbio cultural e preservação de áreas naturais importantes (lugares históricos, arqueológicos e ecológicos).

Sintetizando, a globalidade da atividade do turismo juntamente com este novo cenário socio-econômico e cultural requer que se pense em uma noção de cidadania que ultrapasse fronteiras e consagre o homem como um cidadão do mundo, um agente pró-ativo em questões locais, que direta ou indiretamente faz parte de redes internacionais ligadas à ecologia, democracia, justiça, liberdade. Partindo desta complexidade do turismo os conceitos de Habermas e Leff, em posterior, são os que chegam mais próximo desta perspectiva.

Leff afirma que o avanço do mundo pós-moderno transformou o ser humano em um agente passivo aos acontecimentos, sem fala para afirmar seu lugar no mundo e sem pensamento para orientar sua construção de futuro.

“...desarmados diante da incerteza, impotentes diante das estratégias fatais da globalização, de uma hiper-realidade inescapável que penetra nosso tecido vital, aniquilando o pensamento crítico e a ação criativa. Da impossibilidade do inconsciente de realizar os sonhos, passamos à impotência histórica de sonhar.” (LEFF, 2001:120)

Frente a este relato, o autor considera necessário instituir uma consciência cidadã planetária, que seja capaz de preencher os vazios de subjetividade e de ação social e construir uma cultura política da diferença.

A emergência da cidadania como um projeto social que aponta a diversidade como a essência também é estabelecida por ele “*A diversidade cultural, a competição se dissolve em outra maneira de olhar a alteridade, como complementaridade, cooperação, solidariedade e integralidade do múltiplo.*”<sup>26</sup> Neste contexto, Leff sugere que se estabeleça

---

<sup>25</sup> Idem (p.35)

<sup>26</sup> Leff (2001:128)

novos modelos de relacionamento, propondo uma nova ordem social, através do saber, do meio ambiente e da cultura. A atividade turística tende a ser uma das impulsionadoras na criação desses novos modelos de relação, que com, uma forte consciência turística se organize para estabelecer ações que impulsionem esta atividade. Destacam-se campanhas de preservação do meio ambiente, de resgate da história e da cultura. Aqui, os grupos chamados excluídos da sociedade voltam a agir como cidadãos.

Analisando esta perspectiva, grupos que ajudam comunidades carentes devem abolir sua postura assistencialista e procurar restabelecer uma postura que possibilite ao ser humano a reconstrução de sua cidadania. Assumiriam o papel de colaboradores, auxiliando em ações que valorizem questões sociais e culturais enfocando sua história, sua gastronomia, sua arquitetura, seu folclore e a preservação do meio ambiente, de maneira que estas atividades sirvam de fonte de renda e reinserção do cidadão na sociedade.

O turismo reúne em sua metodologia, fundamentalmente, três partes: a comunidade, os órgãos públicos envolvidos e o turista. Krippendorf<sup>27</sup> diz que seria necessário que se estabelecesse uma harmonia neste sistema.

“(…) a harmonia só pode se instalar numa situação de equilíbrio, em que a sociedade, a economia, o meio ambiente e o Estado se completem da melhor forma possível; onde a economia volte a se inserir nas relações sociais, e não o inverso, onde ela se coloque, pois, a serviço do homem e da sociedade; onde a preservação do meio ambiente intacto constitua uma obrigação absoluta e onde toda transgressão seja reprimida tão severamente como o são os outros atentados à vida; onde o Estado, enfim, seja o criador das condições gerais indispensáveis ao nascimento de uma nova harmonia”. (KRIPPENDORF, 2000:33)

Por fim, expõe-se a política turística como fator essencial para o exercício da cidadania, avaliando que, hoje, está aflorando a construção de uma cidadania planetária, global, participativa, fundamentada em políticas da humanidade. Uma política da humanidade, como afirma Morin<sup>28</sup>, deveria ter a função de constituir e controlar os bens planetários comuns. “*A política do humano seria como sua mais urgente missão de solidarizar o planeta*”. Em correlação, Krippendorf<sup>29</sup> estabelece uma política do turismo que respeite o ser humano e o meio ambiente, saindo da centralidade que assumia de suas finalidades econômicas. Para que o turismo atue no futuro próximo terá que ter como sustentáculo o ser

---

<sup>27</sup> Krippendorf (2000:33)

<sup>28</sup> Morin, (2003:359)

<sup>29</sup> Krippendorf (2000:138)

humano e assumir um caminho que leve a um humanismo maior, reativando, primeiro, a auto-estima local para que o cidadão possa agir com visão global para um desenvolvimento sustentável.

Este trabalho fez uma analogia entre conceitos de cidadania e a atividade turística porque esta mantém uma semelhança desde a clássica concepção de Marshall até as mais recentes abordagens de Habermas e Leff. Analisou-se o turismo sob sua concepção social e humanística que vai além das suas definições reducionistas do simples ato de se deslocar, servindo como meio de comunicação e conexão entre os povos, com ações culturais, sociais, políticas e comunicacionais, centradas no ser humano e nas relações interpessoais.

O contexto global da sociedade atual requer a preservação da diversidade social e do pluralismo cultural e são as ações locais que darão o primeiro passo para a mudança. Sendo assim, se apresentou o turismo como integrante do discurso da cidadania. Baseado neste contexto é necessário uma cidadania planetária, global, participativa, onde prevaleça a integração e as relações interpessoais. Sintetizando, a cidadania inicia-se pela consciência do diálogo e fundamenta-se na arte de se relacionar, respeitando as diferenças. O turismo propicia esta reconstrução, pois a cidadania se desenvolve com a comunidade local e através de suas relações atinge o turista. Um turismo consciente e sustentável traz qualidade de vida para todos os atores sociais.

Chega-se ao consenso de que para se alcançar à cidadania plena é preciso haver uma consciência social universal. Para conquistá-la é fundamental que haja uma educação para a cidadania, é preciso aprender a arte das relações, o caminho do diálogo, da solidariedade, da reflexão e da diferença. O futuro está centrado nesta concepção mais humana do outro e do mundo, na possibilidade de voltarmos a sonhar e na oportunidade de vir a realizar este novo projeto social que visa resgatar nosso desejo de vida.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

- BARRETTO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao turismo. LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (org). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. São Paulo: Papirus, 2000, p.17-36
- HABERMAS, Jürgen. O Estado-nação europeu frente aos desafios da globalização: o passado e o futuro da soberania e da cidadania. *Novos Estudos da CEBRAP*. São Paulo, n.43, nov. 1995, p. 87-101
- IANNI, Octávio. O cidadão do mundo. In: *A sociedade Global*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 107-123
- JORDAN, Adriana. *Rio de Janeiro: um potencial turístico*. Rio de Janeiro: Brasporte, 2002
- KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Editora Aleph, 2000

- LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. *Turismo teoria e prática*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2000
- LEFF, Enrique. Cidadania, Globalização e Pós-modernidade. In: *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MARSHALL, Thomas. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1967
- MORIN, Edgar. Aprendizagem cidadã. In: *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 5ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 65-74
- \_\_\_\_\_. Uma mundialização plural. MORAES. Dênis (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro:Record, 2003. p.349-366
- SODRÉ. Muniz. O globalismo como neobarbárie. Dênis (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro:Record, 2003. p.21-40
- VIEIRA, Liszt. Os argonautas da cidadania: a sociedade civil e a globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001